



DEIXEM QUE AS **CRIANÇAS** SEJAM **CRIANÇAS**



Um material sobre conscientização, prevenção e como lidar com o abuso sexual de crianças e adolescentes.

CONTEÚDO

1. Prefácio
2. O que é?
3. Qualquer um pode ser
4. Seja adulto
5. Nunca duvide de uma criança
6. O que a Bíblia nos diz?

Esse ebook foi produzido pelo Projeto Calçada. Seu conteúdo é a junção de diferentes materiais, palestras e textos de parceiros, todos devidamente autorizados para distribuição.

ESSE LIVRO É UM CONVITE.

O Projeto Calçada, desde seu início em 2000, já conversou com dezenas de milhares de crianças e adolescentes ao redor do mundo, e com eles vem aprendendo, ouvindo suas dores e sofrimentos diante de experiências que nunca deveriam ter vivido.

Nessas conversas, muitos abusos sexuais são relatados. Alguns falam sobre isso pela primeira vez com o(a) educador(a) capacitado(a) pelo Projeto Calçada; já a maioria, revela que falou antes com alguém de sua confiança, mas não se sentiu melhor, ao contrário, ficou pior, se sentiu culpado(a) pelo que lhe aconteceu, ou até mesmo, passou a duvidar e achar que foi tudo coisa da sua cabeça.

Além de ajudar as crianças e adolescentes com suas emoções em relação ao que sofreram ou ainda sofrem, e garantir sua proteção, o Projeto Calçada traz para si o papel de ajudar também os adultos a compreenderem as dores e as necessidades das crianças, para que as protejam e garantam os seus direitos.

O título deste e-book, **Deixem que as crianças sejam crianças**, já deixa claro sua intenção de provocar o leitor para uma reflexão sobre a impossibilidade da criança desfrutar plenamente da sua infância quando os que a cercam lhe expõem e impõem situações e responsabilidades para as quais ela não tem competência. Este livro, que agora está na sua tela, apresenta o tema pesado, denso e doloroso do abuso sexual, com uma linguagem leve e simples, baseado na experiência e estudo do Projeto Calçada e de especialistas parceiros, que generosamente cederam o direito de publicação.



O conteúdo vem aqui orientar e empoderar aqueles que estão próximos da criança ou adolescente para permitirem que as feridas sejam cicatrizadas, e que o futuro não seja determinado pelo abuso sofrido, mas sim, pelas oportunidades promovidas com sua recuperação.

O leitor é levado aqui a descortinar questões que antes eram evitadas, e a enfrentá-las como o próprio movimento da história de vida, que leva ao amadurecimento e ao protagonismo.

Eu recomendo este conteúdo a todos os pais, tios, avós, vizinhos, educadores, professores, pastores, gestores, enfim, a todas as pessoas que amam e desejam nutrir esperança e amor. Qualquer pessoa de importância para a criança pode marcar a trajetória de sua vida, e abrir horizontes infindáveis de possibilidades e de emancipações.

Este livro é um convite. Um convite a reafirmar a fé na vida e na cura; a admitir a condição frágil do ser humano; a assumir o papel transformador da defesa do mais vulnerável; a mudar o olhar sobre a pessoa que sofre e a que infringe o abuso sexual.

Se você quer amar e cuidar, siga as páginas e as palavras que se seguem. Valerá a pena refletir e se preparar para as ações que curam, as palavras que aceitam e acolhem, a vida que continua e que pode ser libertadora!

CLENIR XAVIER

Diretora Internacional do
Projeto Calçada.



O QUE É?

QUAIS SÃO AS DEFINIÇÕES OFICIAIS DE ABUSO, EXPLORAÇÃO E VIOLÊNCIA SEXUAL?

Qualquer conduta que constranja a criança ou o adolescente a praticar ou presenciar conjunção carnal ou qualquer outro ato libidinoso, inclusive exposição do corpo em foto ou vídeo por meio eletrônico ou não, é considerado violência sexual. O artigo 4º da Lei 13.431, divide essas condutas em três áreas:

Abuso sexual, entendido como toda ação que se utiliza da criança ou do adolescente para fins sexuais, seja conjunção carnal ou outro ato libidinoso.

Exploração sexual comercial, entendida como o uso da criança ou do adolescente em atividade sexual em troca de remuneração ou qualquer outra forma de compensação.

Tráfico de pessoas, entendido como o recrutamento, transporte, transferência, alojamento ou acolhimento da criança ou do adolescente, com o fim de exploração sexual.

“Todo ato sexual, tentativa de consumir um ato sexual ou insinuações sexuais indesejadas; ações para comercializar ou usar, de qualquer outro modo, a sexualidade de uma pessoa, independentemente da relação desta com a vítima, em qualquer âmbito, incluindo o lar e o local de trabalho”.

Violência sexual, segundo a Organização Mundial da Saúde.



O QUE É?

Muitas meninas e meninos passam por situações como as descritas acima. Compartilhar com alguém não é fácil e, ao mesmo tempo, guardar para si também não é confortável. O pior é que essas coisas podem ser causadas por qualquer pessoa, até mesmo as mais próximas: pai, mãe, uma tia ou um tio, primo ou prima, o melhor amigo. Nós sabemos da gravidade e seriedade do assunto, mas ainda existem diversos aspectos que, de uma maneira geral, são desconhecidos nessa área.

Algo que pouca gente sabe, por exemplo, é que, biologicamente, a criança pode sentir prazer no abuso. Mesmo sabendo ou tendo a sensação de que há algo de errado, seu corpo pode responder dessa forma, e até mesmo gerar desejo. Com isso, para alguém tão vulnerável, tudo se torna muito mais confuso e difícil de lidar, trazendo um sentimento de culpa em quem está sendo abusado e, assim, maior dificuldade em falar sobre o assunto. Por causa desse prazer biológico, a criança poderá desejar a repetição do ato.

Apesar disso, essa experiência tende a ser vivenciada sob conflito, pois muito comumente a criança percebe que há algo de errado pelo modo como o abusador se comporta. Esses sentimentos são comuns quando isso acontece, mesmo a criança não tendo culpa nenhuma. É um ciclo difícil de ser encerrado, por isso nós, enquanto sociedade, precisamos falar, nos informar e entender nossos papéis na luta contra o abuso sexual. Qualquer pessoa pode passar por uma situação como essa, independente de sexo ou faixa etária, mas aqui estamos focando nas situações onde uma criança ou adolescente é a vítima. Ou seja, uma atividade, com a intenção de satisfazer as necessidades de uma das partes, que acontece entre uma criança e um adulto ou outra criança que, por idade ou desenvolvimento, está em relação de responsabilidade, confiança ou poder.



**QUALQUER UM
PODE SER.**

Na humanidade, existe um tipo de padrão de desejo que é aceitável e comum, mas existem também coisas que estão fora disso, como a pedofilia, zoofilia, necrofilia etc. Ou seja, a pedofilia é um caminho ruim e perverso, mas que está dentro do campo humano. É importante que tenhamos essa consciência para entendermos que o abusador é uma pessoa comum e, portanto, pode ser qualquer pessoa, mesmo aquela querida por todos, simpática e amável que está do nosso lado. Além disso, o pedófilo desenvolve uma racionalização interna que busca atenuar a gravidade de seu ato, tornando-o aceitável para ele mesmo. Para conseguir lidar consigo, ele cria uma defesa, em que acredita que o que faz não é tão errado assim.

O abuso pode acontecer em diferentes lugares ou situações, mas o lugar mais comum ainda é a casa. Segundo o relatório do Disque 100, número usado para denúncias sobre quebra dos direitos humanos, nos últimos oito anos, 70% dos casos de violência sexual envolvendo crianças e adolescentes aconteceram em casa. Em abril de 2019, das 1787 denúncias, 1206 foram de episódios ocorridos dentro de casa.

Nós precisamos tirar a venda dos olhos, acordar e entender que qualquer um pode ser um abusador. O preconceito, de um modo geral, tende a ser violento porque é irracional. Quando achamos que o(a) abusador(a) é alguém perigoso, mal, e até asqueroso, tiramos toda e qualquer possibilidade de prevenção e cuidado para quando é alguém da família, carinhoso(a), amável, responsável e com caráter imaculado.

Todas as vezes que o(a) colocamos numa condição de monstro, o(a) tiramos da realidade, afinal, um monstro não é real e não temos como lutar contra ele. O monstro faz parte da fantasia, já o abusador faz parte da vida real, e na maioria das vezes, da própria família. Além disso, se o ato é monstruoso, ele ultrapassa a esfera da gravidade que pode e precisa ser enfrentada.



Precisamos lembrar que essa pessoa é um ser humano, e que mesmo com características confiáveis, é capaz de agir de forma inadequada e imprópria com a criança ou adolescente. Não é fácil acreditar nisso, mas a escolha deve ser sempre de apoiar a criança e protegê-la, fazendo o que for preciso. E a pessoa abusadora, alguém de carne, osso e coração, precisa de tratamento.

Assim como é um psicólogo que precisa tratar uma criança que foi abusada, quem tem que lidar com o abusador é o profissional. Nem mesmo um pastor encontra-se habilitado profissionalmente para tal desafio. Não é porque existem orientações acerca do que fazer numa situação de abuso que você deverá tomar essa responsabilidade para si.

Pensar que você, como alguém não capacitado, pode tratar um abusador e “ajudá-lo a melhorar desse problema” através de conversas ou ações, é um erro. Claro que o diálogo é fundamental, mas um diálogo especializado e profissional. Uma mãe que descobre que seu marido está abusando de seu filho não deve achar que, somente tomando algumas atitudes dentro de casa, orando ou pedindo ao abusador que pare, acabará com o problema. Independente da situação, por mais difícil que seja, o caminho sempre começa com a denúncia e o acolhimento da criança.

É uma constatação difícil, mas quando reconhecemos que até aquela pessoa que mais amamos pode ser um pedófilo, conseguimos, de verdade, acreditar na criança que está dando sinais, independente de quem seja o possível abusador. **Essa consciência, por si só, já é uma forma de proteção**, mas existem outras atitudes que podem ser tomadas.



PARA ORGANIZAÇÕES E IGREJAS, QUAIS SÃO ESSES CUIDADOS?

Muitas vezes, por causa da falta de recursos humanos, organizações e igrejas acabam aceitando voluntários sem conhecê-los bem. Mas é muito importante ter um critério rigoroso de cadastramento de novos profissionais ou voluntários, incluindo uma checagem das informações. Perguntar por quê saiu da última organização e buscar referência dos últimos lugares onde a pessoa trabalhou não é ofensivo ou constrangedor para quem está sendo contratado, mesmo que seja um voluntário. Pelo contrário, é uma medida de segurança que beneficia todas as partes.

Outros cuidados também são importantes, como não ficar sozinho com a criança, ou se isso for necessário, avisar alguém da equipe que estará atendendo a criança naquele lugar e naquele momento, e ainda deixar claro para a criança que ela pode sair se quiser, quando quiser. Lembre-se, políticas de proteção são para todos, crianças e profissionais. Tomar essas atitudes beneficia crianças, que estão sendo protegidas de possíveis abusos, e adultos, que estão se protegendo contra possíveis acusações falsas.

Com tantas ameaças às crianças, é provável pensar que superproteger é a única opção, mas não é. É necessário entender que isolar as crianças pode parecer cômodo, mas é tanto impossível quanto insalubre. Se tentarmos proteger as crianças de qualquer ameaça, vamos acabar tirando todo o contato delas com adultos, o que é totalmente prejudicial.



**SEJA ADULTO
E DEIXE QUE
AS CRIANÇAS
SEJAM
CRIANÇAS.**

Se você sabe ou desconfia de um abuso, entenda o seu lugar nessa história. Você não é um investigador, não é o psicólogo, e nem o responsável para acabar com esse problema sozinho. Seu papel como cidadão é denunciar.

Você, na posição de alguém que sabe ou suspeita que uma criança esteja sendo abusada, precisa tomar uma decisão. O que parece mais correto: ficar quieto e estar bem com todos os seus familiares e amigos, ou não arriscar a possibilidade daquela criança estar sendo abusada, pagando o preço de ser mal visto por pessoas próximas a você? Quem é mais importante? O adulto que precisa aprender a lidar com a rejeição de pessoas que provavelmente se afastarão, ou aquela criança que está sofrendo sem ter quem a defenda?

Assumir o problema de uma criança para si é **ser adulto e deixar a criança ser criança**. Se ninguém a defende, além de terem tirado sua infância em um abuso, ela ainda precisa fazer um papel de adulto para denunciar. Não fique com medo de prejudicar a vida do abusador. A criança que foi abusada por ele(a) já precisou superar esse medo para lhe contar e pedir ajuda. Agora você, adulto, precisa fazer o mesmo para denunciar.

LEMBRE-SE, A NEGLIGÊNCIA TAMBÉM É UMA FORMA DE ABUSO.

Se você precisar conversar sobre os procedimentos, o melhor caminho é o Conselho Tutelar. Mas, no momento em que você procura o Conselho, já está denunciando. Por isso, se existem dúvidas ou preocupações, ligue para o Disque 100. É anônimo, e você terá um bom atendimento. Antes de ligar, reúna informações sobre a denúncia, como nome da criança, do abusador ou suspeito, endereço, tudo que souber. Fique tranquilo(a), é totalmente anônimo, o número não fica gravado e ninguém irá te procurar depois.



Somente em 2018, foram ouvidas 17.093 denúncias envolvendo violência sexual em crianças e adolescentes através do Disk 100. De 2011 até abril de 2019, foram 177.403. Esses números alarmantes nos ajudam a entender que um abuso pode estar sim acontecendo muito perto de nós.

Se tantas crianças estão sofrendo com isso, sua suspeita pode ser verdadeira. Se tantas pessoas tiveram a coragem de denunciar, você também pode ter.

O denunciante, quando se expõe, isto é, faz uma denuncia não anônima, em nome daquela criança, precisa ser muito corajoso(a). Ele(a) abre mão de seus interesses e relações, trazendo uma responsabilidade enorme para si. Se a denúncia não for anônima, ou se o abusador desconfia de quem denunciou, quem está fazendo a coisa certa acaba parecendo ser a pior pessoa da história, sendo condenada por quem não acredita no abuso ou na própria atitude da denúncia. Mas, em compensação, quem denuncia sabe que está fazendo a coisa certa e defendendo alguém que não conseguiria se defender sozinho. **A denúncia, para aquela criança, é sinônimo de justiça.**

"Uma vez, denunciei o pai de uma menina. Ele a abusava. O processo correu durante anos. Minha denúncia não foi anônima, então eu acompanhei tudo de perto. Num certo ponto, ela veio até mim pedindo pra eu esquecer essa história, deixar pra lá. O pai fazia uma pressão psicológica enorme, dizendo que iria para a cadeia por causa dela. Eu tinha meus momentos de dúvida, mas continuava confiando que o melhor interesse da criança era que algum adulto assumisse sua defesa. A criança já havia crescido e era adulta, meu pensamento era sempre de que eu havia escolhido um percurso doloroso, mas alguém precisava ajudar essa criança e, quem sabe, um dia ela iria reconhecer que alguém a defendeu. Depois de anos sem contato, ela escreveu para uma pessoa que me conhece, dizendo que queria muito me encontrar e me agradecer. Durante o processo judicial, com todas as suas dificuldades, você se questiona se realmente deveria ter feito aquilo. Mas saiba, é a coisa certa. Você tem a garantia de que defendeu aquele pequeno que estava sofrendo."

Depoimento de uma educadora
do Projeto Calçada.



**NUNCA DUVIDE
DE UMA
CRIANÇA.**

A criança que passa por uma situação de abuso pode saber que tem alguma coisa errada, mas muitas vezes não entende o que precisa fazer para mudar. Seja por falta de informação ou até mesmo negligência dos adultos, muitas acabam achando que estão sozinhas, que ninguém pode ajudá-las ou defendê-las. Pensam que vai durar para sempre e que não tem solução. Mas isso não é verdade. Existem maneiras para acabar com essa realidade, e o primeiro passo para encontrá-las é buscar ajuda. Então, **o que fazer quando uma criança lhe procura para denunciar essa violência?**

Primeiramente, saiba ouvir. Lembre-se de que, na maioria dos casos, a dimensão do problema é dada pelo adulto. Ou seja, talvez a criança que foi abusada nem mesmo entenda o que aconteceu com ela, e é a **sua reação que dará o tom da situação**. Por isso é tão importante estar preparado para escutar. Independente de quem você é e de qual seja a sua relação com essa criança, não reaja de maneira exagerada, mas também não banalize sua dor, encontre um equilíbrio e lide com respeito.

Não prometa guardar segredo sobre isso, mas explique que para poder ajudá-la (o) você vai precisar conversar com alguém de muita confiança que vai entender e ajudar. Preste muita atenção no que a criança lhe contar, anote os detalhes e as palavras da criança para não esquecer, não acrescentar, nem omitir detalhes importantes, quando relatar ao órgão competente.

O mais importante de tudo é: nunca duvide de uma criança. Não importa se você não tem provas ou se não viu, se a criança está contando pra você, seja verbalmente ou em ações, brincadeiras ou desenhos, entenda que aquilo pode, sim, estar acontecendo.

**A SUA RESPONSABILIDADE NÃO É
INVESTIGAR PARA TER CERTEZA, MAS SIM
COLOCAR NAS MÃOS DA PESSOA CERTA
PARA OUVIR E DAR O DEVIDO
ENCAMINHAMENTO.**



Se você é um profissional da área, seja em escolas, organizações sociais ou igrejas, procure saber sobre o **Protocolo Nacional de Escuta Especializada**. Esse protocolo, garantido pela Lei 13.431/2017, busca prevenir que a criança ou adolescente vítima de algum tipo de violência seja revitimizada(o) e levada(o) a uma nova situação de sofrimento. O protocolo foi criado para tentar evitar que a criança tenha que falar sobre o abuso repetidas vezes com diferentes profissionais, durante o processo investigativo, uma vez feita a denúncia.

**SE ISSO ACONTECER NA SUA CASA
OU FAMÍLIA, LEMBRE-SE DESSAS
VERDADES E ORIENTAÇÕES.**

**CLIQUE AQUI PARA VER
O FLUXO DE DENÚNCIA
PROPOSTO PELA LEI.**

Quando a criança sofre uma violência sexual, é muito difícil contar para alguém sobre isso, especialmente quando é por alguém que ela ama e não quer que nenhum mal lhe aconteça.

Não se sinta traído (a) ou chateado(a) se ela não te contou ou demorou para te contar. Entenda que muitas vezes leva tempo para a criança decifrar o mal-estar que sente, à uma violência, e depois ganhar coragem para falar sobre isso com alguém. Então, valorize e agradeça por ela ter contato.

É muito difícil acreditar que uma violência sexual aconteceu, especialmente quando você tomou cuidados de proteção.

Ouçá a criança com calma, sem interrompê-la ou fazendo perguntas que demonstrem sua dificuldade em acreditar no que ela diz. Tente não explicar o que ocorreu, achando que é uma forma dela chamar atenção para si, ou que provocou essa situação. Apenas busque ouvir tudo o que a criança quiser ou puder lhe falar naquele momento. Tenha em mente que a criança geralmente não cria uma violência sexual. Ela fala, mesmo que nem tudo de uma vez, o que lhe causa constrangimento, dor ou confusão. Então, acredite nela!



A criança é criança, então ela não tem que resolver seus problemas sozinha e eles não desaparecerão com o tempo. Os adultos à sua volta são os responsáveis pela sua proteção e precisam agir para protegê-la.

Assuma a responsabilidade como o adulto que fará todo o possível, mesmo que sofra consequências disso, para defender e proteger a criança. Essa situação está nas suas mãos agora que tomou conhecimento.

Por mais difícil que seja agir numa hora dessas, é necessário que medidas sejam tomadas para impedir que a violência sexual se repita, seja com essa criança ou com qualquer outra que o abusador venha a se relacionar no futuro.

Converse com quem lhe ajudará a encontrar a forma mais segura e correta para seguir os passos de proteção da criança, legalmente e emocionalmente. Pode ser alguém de sua total confiança com experiência no cuidado de crianças, que inclusive poderá acompanhá-la ao Conselho Tutelar ou outro órgão. Mantenha sigilo sobre o assunto com as demais pessoas, para que a criança não fique estigmatizada na família e comunidade.

Se a pessoa que cometeu o abuso é um parente, com quem convive há muito tempo, fica difícil acreditar, e mais difícil ainda fazer alguma coisa que possa prejudicá-la.

Esse é o mesmo dilema da criança, e por isso, muitas vezes ela se arrepende de ter contado. Você precisa aceitar que essa pessoa precisa de ajuda para mudar seu instinto e comportamento. Só pedir perdão e prometer que nunca mais o fará, não são suficientes para proteger a criança. Exija que ela faça tratamento, porque pode se recuperar sim, mas não permita o convívio com a criança ou nenhuma outra, enquanto não tiver certeza absoluta de sua mudança.



A pessoa que abusa de uma criança, geralmente aproveita oportunidades em que ninguém esteja vigiando, ou quando já estabeleceu relação de total confiança da criança e seus responsáveis.

Não se culpe pela violência que aconteceu, e por você não ter percebido. A culpa não é da criança, e nem sua. O ato errado é do abusador.

Geralmente se acredita que a violência sexual deixa a criança marcada negativamente para o resto de sua vida. Isso não é verdade!

Essa situação pode ser revertida quando:

A criança é defendida, protegida, e afirmada que não teve culpa pelo que aconteceu;

Os adultos acreditam nela e garantem que ela fez a coisa certa ao contar;

A criança não é culpabilizada pelo que possa acontecer com a pessoa que a feriu;

A rotina volta ao normal; quando as pessoas à sua volta não ficam revivendo isso;

Assim, a criança consegue começar a processar o que lhe aconteceu de muito ruim, mas que já passou, e então, não precisa continuar vivenciando essa experiência.



O QUE A BÍBLIA NOS DIZ?

É impossível falar sobre violência sexual de maneira corriqueira, enquanto se faz um arroz ou se assiste a um programa da tv. A violência é sempre um tema que exige reflexão, e com a violência sexual, o exercício é ainda mais pesado e desafiador. Mas ao passo que temos dificuldade de falar sobre esse assunto, a Bíblia escancara o tema e mostra o processo de dores e violações que envolve uma violência sexual.

A narrativa da violência sexual praticada por Amnom sobre Tamar em II Samuel 13, faz desse um dos capítulos mais tristes da Bíblia, e, estranhamente, pouco comentado em nossos púlpitos e rodas de conversa. Assim como foi ordenado o silêncio a Tamar, do mesmo modo temos, como família, igreja e sociedade, silenciado sobre esse doloroso crime e pecado.

Revisitando o texto vamos encontrar os registros dos conceitos e ações que até hoje se perpetuam na violência sexual:

Banalização: Amnom foi aconselhado por seus amigos próximos sobre como fazer para abusar sexualmente de sua própria irmã. Mostra claramente um conceito de sociedade que, mesmo com princípios religiosos rígidos, abarca em seu submundo a naturalização da obtenção do prazer a qualquer preço (v.5).

Quebra de confiança: Amnom pediu ao rei Davi para que Tamar cozinhasse e o servisse na sua cama, sendo atendido prontamente pelo rei e por sua própria irmã. Quem poderia imaginar que o herdeiro do trono de Israel faria tamanha atrocidade com sua irmã, dentro de seu quarto?

Convites maliciosos: "Deita-te comigo, minha irmã." (v.11)



Desrespeito para com a vontade do outro: Tamar deixa claro que não era sua vontade deitar-se com seu irmão e ainda lembrou os valores do seu povo. Mas Amnom não aceitou ser contrariado (12,13). "Porém ele não quis dar ouvidos à sua voz" (v.14).

Uso abusivo da força: "Sendo Amnom mais forte que Tamar a forçou e a violentou" (v.14).

Abuso psicológico: Após violentar Tamar, Amnom a desprezou com olhares e palavras grosseiras e a expulsou de sua casa (15,16,17).

Mudança de comportamento da vítima: Depois da violência sexual que sofreu, Tamar mudou seu comportamento e até sua maneira de se vestir. Antes uma jovem tão lindamente vestida, agora se cobre de cinzas, rasga suas vestes e sai como uma louca pelas ruas (19).

Silenciamento da vítima: Ao sair da casa de Amnom, Tamar encontrou Absalão, seu irmão. Parecia ter encontrado alguém que a ouviria e se importaria, mas é silenciada por se tratar de uma violência sexual dentro da família (v.20).

Silêncio e omissão da família: Além de Absalão, o rei Davi, pai de Tamar e Amnom, sabendo o que aconteceu nada fez, silenciou, como os demais, preferindo não tratar o assunto (v.21).

Infelizmente é dessa maneira que muitas famílias trataram e ainda tratam a violência sexual intrafamiliar. O silêncio tem livrado muitos abusadores de responderem criminalmente por suas ações, podendo inclusive cometer novos crimes contra outras pessoas, deixando sequelas graves na vida da maioria das vítimas.



Nossa experiência de aconselhamento no Projeto Calçada tem mostrado o quanto a violência sexual tem afetado a vida das pessoas, o quanto suas feridas ainda estão abertas e produzindo dores. Por isso, mesmo sendo difícil e perturbador, precisamos lidar com a violência sexual intrafamiliar, lembrando que o princípio bíblico não mudou; o que Deus considerou violência sexual no passado continua considerando ainda hoje. Apesar do comum silenciamento, a sociedade vem desnaturalizando a violência sexual. O que antes era considerado apenas uma prática comum ou um tabu familiar, hoje é crime e muito se tem falado sobre o assunto.

A violência sexual familiar sempre produzirá dores, especialmente em quem sofreu. Silenciar nunca será o melhor remédio. Essa situação pode acontecer em qualquer família, rica ou pobre. A família tem o dever moral e legal de cuidar dos seus membros, especialmente dos mais vulneráveis, como crianças e adolescentes.

SEMPRE HÁ ESPERANÇA.

Se você sofreu violência sexual e de alguma maneira se identificou com a história de Tamar, saiba que Deus viu o que aconteceu com você. Não foi o plano Dele para sua vida, Ele condena essa atitude de extrema violência. Deus não fechou os olhos para o que Amnom fez, seus feitos estão registrados na Bíblia. Está claro o quanto Deus rejeitou essa atitude.

Infelizmente pessoas que deveriam ter protegido você abusaram de sua confiança e da confiança de outros familiares. Você não tem culpa pelo que aconteceu, mesmo não tendo forças ou coragem para reagir por meio de palavras ou atitudes. O que aconteceu foi uma violência, um crime, um pecado.



Talvez você esteja carregando o peso das memórias durante um bom tempo de sua vida. Mas você tem o direito de falar sobre o que aconteceu e responsabilizar o abusador por suas atitudes. Há pessoas que podem ouvir você, sem julgamento. É importante que você possa falar sem medo de ser interrompido ou julgado pelo que aconteceu. Lembre-se: a culpa não foi sua!

Que Deus proteja a sua família de todo o mal, sobretudo das violências intrafamiliares. Mas, se algo acontecer, que Ele dê a você a coragem, a maturidade e o amor necessário para lidar tanto com o autor como com quem sofreu a violência.

Deus pode restaurar o coração da vítima e do abusador. Ainda que pareça uma ferida incurável, ou um desvio impossível de ser reparado, Deus pode transformar toda essa "maldição em benção" (Ne.13.2), pode dar a paz que excede todo o entendimento e aliviar sua mente e coração (Fl.4.7).

LUCIANA FALCÃO

Pastora e Coordenadora do
Projeto Calçada no Brasil.



VOCÊ CONHECE O PROJETO CALÇADA?

Nós atuamos na **restauração emocional e espiritual de crianças e adolescentes** em situação de risco, para dar uma resposta aos traumas vividos por esse público ao redor do mundo.

Capacitamos **Educadores** (trabalhadores sociais, professores, psicólogos, assistentes sociais, líderes religiosos etc.) e equipamos suas organizações com uma ferramenta para atividade lúdica e individual, conhecida como a **Bolsa Verde**. A Bolsa Verde foi desenhada para as crianças e adolescentes, mas provou-se também eficaz aos jovens e seus familiares adultos. Ela ajuda a pessoa a compartilhar e lidar com suas histórias de traumas e dores.

Nossas atividades começaram em 2000, mas a ideia surgiu dois anos antes, quando iniciamos uma pesquisa com crianças e adolescentes em diferentes países. Através desse estudo liderado por psicólogos e cientistas, foi possível entender as dores das crianças e adolescentes e desenvolver uma metodologia para ajudá-los.

Além das atividades com organizações parceiras, trabalhamos pela **proteção de crianças e adolescentes**, buscando envolvimento em diferentes movimentos e promovendo materiais como esse.

Somos uma organização cristã interdenominacional. Acreditamos que **Cristo Jesus** e seus ensinamentos trazem consolo e cura para aqueles que passam por traumas.



**PARA SABER NOTÍCIAS, SE ENVOLVER NO
PROJETO OU ACOMPANHAR NOSSAS ATIVIDADES,
SIGA-NOS EM NOSSAS REDES SOCIAIS.**





PROYECTO
CALZADA
 GLOBAL